

8

Família, relações intergeracionais e projetos de vida

Lílian Perdigão Caixêta Reis: lilian.perdigao@ufv.br

CV: <http://lattes.cnpq.br/2710436780723053> - Psicóloga, Doutora em Psicologia pela UFBA; Professora Adjunta no Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa - MG.

Em 2012/2013 realizei oficinas para alunos, técnicos e professores da Universidade Federal de Viçosa que trabalham em projetos sociais com famílias. Além disso, com o apoio de alunos matriculados na disciplina Famílias e Políticas Públicas, também realizamos oficinas para jovens e famílias de comunidades da periferia de Viçosa – MG, e de distritos da área rural na Zona da Mata mineira.



BSTRACT RESUMO ABSTRACT RESUMO ABSTRACT

Resumo Priorizou-se neste trabalho a discussão sobre a família, as relações intergeracionais e projetos de vida. Tomou-se como exemplo a situação de jovens carentes e da área rural, que migram de uma cidade para outra com o intuito de investir no estudo, analisando-se o impacto disso na organização de suas famílias. Este estudo evidenciou a importância de abordar estas temáticas para a elaboração de iniciativas e intervenções a serem desenvolvidas com famílias assistidas em projetos sociais.

Palavras Chave Famílias; Relações Intergeracionais; Projetos de Vida.

Abstract In this work, we centered on the discussion about family, intergenerational relationships and life projects. We took as an example the situation of disadvantaged youth in rural area, migrating from one city to another in order to invest in the study, analyzing its impact on their families` organization. This study revealed the importance of addressing these issues for the elaboration of initiatives and interventions to be developed with assisted families in social projects.

Mots Clés Families; Intergenerational Relationships; Life Projects.



INTRODUÇÃO

A motivação para discutir a relação entre família, gerações e projetos de vida surgiu a partir da realização de trabalhos de ensino e extensão, nos quais ministro oficinas psicopedagógicas para jovens e famílias carentes. Nas oficinas, realizadas principalmente com famílias oriundas da área rural, observei como a ênfase no estudo ganha destaque no projeto de vida dos jovens, levando-os a migrar para cidades maiores em busca de formação, na intenção de alcançar melhores condições de inserção profissional. Discutirei neste artigo, como essa mobilidade geográfica provoca mudanças na vida dos jovens, em especial nas trocas entre as gerações, com repercussões na organização familiar.

MOBILIDADE GEOGRÁFICA E PROJETOS DE VIDA

A questão das migrações é tema muito difundido na realidade das famílias brasileiras, porém convém destacar as novas configurações na forma como esta mobilidade acontece quando o motivo é o estudo universitário.

De fato, sempre ouvimos falar das mudanças de migrantes nordestinos ou do interior para os grandes centros urbanos, motivados por um ideal de melhores condições de vida, mas nesses casos o foco era o trabalho.

No caso de mudanças para outros países, é possível identificar períodos de intensa migração, como nos anos oitenta e noventa, quando a imagem divulgada na mídia reforçava a ideia de sucesso imediato determinado pelas oportunidades de trabalho, em cargos com pouca exigência de formação e ganhos financeiros vantajosos.

Nesse período os filhos aventureiros eram motivo de orgulho para os pais, pois de longe contribuía enviando recursos que complementavam a renda familiar. No entanto, a crise econômica na década passada, de 2005 aos dias atuais, repercutiu no aumento do desemprego na Europa e Estados Unidos, e trouxe como consequência o retorno de muitos brasileiros à terra natal, acompanhados de levas de imigrantes desempregados, em especial os mais jovens.

Com a dificuldade de inserção profissional, e a falta de perspectivas para os jovens, o foco no estudo tornou-se uma alternativa promissora de ascensão social. Nesse sentido, a criação do sistema de cotas foi um dos fatores que também facilitou o acesso de jovens de áreas rurais e/ou de baixa renda à universidade.

Porém, esse tipo de “investimento” só dá retorno em longo prazo, e exige muito sacrifício dos jovens e suas famílias. Mais comprometedor ainda é o fato de que tal investimento não confirma necessariamente o retorno imediato e nem proporcional do ganho financeiro ou da ascensão social.



Segundo Pochmann (2004, p. 223) o estudo não é garantia de mobilidade social, “na maior parte das vezes, os jovens não conseguem obter condições de vida e trabalho superiores às de seus pais, mesmo possuindo níveis de escolaridade e formação profissional superiores”.

As implicações do processo de mudança, com a conseqüente inclusão dos jovens no contexto urbano e acadêmico, atingem vários aspectos a meu ver, ainda pouco discutidos, que vão muito além da questão de mobilidade social. O impacto das mudanças na vida dos jovens que vieram de contextos rurais é muito brusco, colocam os jovens numa condição de distanciamento da realidade do mundo da família, que em certa medida, pode levá-los a situações conflituosas.

Ramos (2008) destaca que a vivência migratória

... envolve a capacidade de fazer face à mudança que a decisão migratória origina, a capacidade de gerir as novas relações culturais e os sentimentos de abandono, angústia e perda que a ruptura desencadeia e ainda a capacidade de reconstrução e de incorporação de elementos do novo meio (RAMOS, 2008, p. 59).

Essa adaptação ao novo meio gera mudanças de hábitos, dos mais simples aos mais complexos, relacionados à habitação, alimentação, aos relacionamentos sociais; às concepções culturais, religiosas, educacionais e políticas, obviamente com reflexos no processo de desenvolvimento psicológico do indivíduo (RAMOS, 2008).

Denota-se daí que tais mudanças criam novas configurações em várias dimensões do projeto de vida dos jovens, e não apenas nas dimensões de educação e trabalho. E repercutem também na percepção e na maneira como estes passam a se relacionar com suas famílias de origem.

Scott (2010), ao tratar do tema de famílias e gerações, aponta as seguintes questões:

A migração – uma mobilidade que frequentemente resulta em deslocamentos geográficos e sociais – apresenta um desafio para os estudos sobre família e gerações, já que leva a inserções em novas realidades de interpretações e de relações que precisam ser equacionadas para se entender as transformações e os mecanismos que dão continuidade ao sentimento de pertencimento aos grupos familiares e de parentesco em espaços diferenciados (SCOTT, 2010, p. 253).



A capacidade de lidar com a incorporação dos valores do novo contexto de inserção e aqueles da cultura de origem é um dos fatores preponderantes quando se pensa nas relações do jovem com a família, tema que aprofundarei a seguir.

FAMÍLIA E GERAÇÕES

Scott (2010) destaca três perspectivas do uso do termo gerações: gerações históricas; gerações de parentesco e de família; e gerações etárias. Na primeira acepção considera-se a distinção daquelas pessoas que viveram num mesmo tempo histórico e partilharam as mesmas experiências.

Britto da Motta (2004) esclarece que a concepção de gerações enquanto hierarquia dos grupos de parentesco prevalece nos estudos de antropologia. Já a classificação por grupos etários é mais decisiva para estudos demográficos.

Scott (2010) reforça que nas teorias e no pensamento social uma ou outra perspectiva foi privilegiada quando se trata de considerar a relação entre famílias e gerações. Por exemplo, em alguns períodos da história da sociedade brasileira privilegiava-se a autoridade do pai, como descobrimos através dos estudos de Gilberto Freyre sobre a família patriarcal, nesse caso a lógica era de sobreposição da categoria de parentesco sobre as outras. É mais recente o foco nos interesses individuais, com a defesa de estatutos que privilegiam os grupos etários, como estatuto do idoso, da criança, da juventude.

O que importa aqui é ressaltar a aproximação entre as categorias família e gerações, alinhadas nos estudos de várias disciplinas. Ou seja, mudanças nas trocas entre as gerações, influenciadas pelos aspectos sociais, históricos e culturais, afetam a configuração das famílias.

Por sua vez, Eisenstadt (1956) vai destacar que a família é o primeiro contexto de socialização do indivíduo, no qual ele aprende a desempenhar diferentes papéis importantes para garantir o sistema social. Para ele:

...a primeira e mais básica relação da qual participa um indivíduo é do primeiro tipo, i.e., etariamente heterogênea, qualitativa, particularista e difusa. Estes critérios caracterizam as relações familiares em todas as sociedades e estes grupos e relações são os primeiros e mais básicos agentes socializantes em qualquer sociedade. [...] Na família, o indivíduo aprende os vários tipos de atividades que exigem dele, na qualidade de membro pleno da sociedade e as várias maneiras de superar as tensões e frustrações inerentes à vida social disciplinada. (EISENSTADT, 1956, p. 17).



A família é então um espaço privilegiado de trocas recíprocas entre membros de diferentes gerações, pais e filhos, irmãos, avós e netos. A transmissão intergeracional é bidirecional, ou seja, um passa para o outro, através da partilha, valores, experiências e saberes. E até mesmo os conflitos vivenciados ali serão significativos para promover a mudança e reorganização do grupo familiar (BARROS, 1987; DONATI, 2008; FORACHI, 1972; VALSINER, 2012).

A falta de comunicação é, segundo Donati (2008) o maior empecilho, pois a ausência de diálogo entre as gerações enfraquece os laços familiares, gera incertezas quanto às expectativas recíprocas, produz vazio e desequilíbrios na convivência cotidiana. Mas por outro lado, se esses conflitos são superados, ocorre o fortalecimento das redes de solidariedade, aspecto essencial para traçar novas perspectivas para o futuro, principalmente se consideramos o aumento da expectativa de vida, e a permanência de diferentes gerações no mesmo espaço físico. Portanto, favorecer a integração entre as gerações na família propicia ganho para todos.

O legado da transmissão intergeracional tem valor também na dimensão psicológica, como fator decisivo de estabilidade psíquica do indivíduo e da família. As pessoas “herdam” de suas famílias valores, crenças, padrões de comportamentos e afetivos, transmitidos através das narrativas sobre a história familiar, e estas serão guias que lhes permitirão construir e afirmar uma identidade individual e cultural (CERVENY, 2011; GRANDESSO, 2006).

Pertencer à história familiar, ser parte construtiva dessa história, numa perspectiva de futuro é importante para o jovem. Ecléa Bosi (2006, p. 18) ressalta que “o desenraizamento é a mais perigosa doença que atinge a cultura”. Ela distingue a migração, o trabalho operário e o desemprego como fatores de desenraizamento, e cita Weil para explicar sua posição: “*todo homem tem uma raiz pela sua participação numa coletividade que conserva vivos alguns tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro*” (WEIL, 1979, apud BOSI, 2006, p. 23).

Infelizmente, a imagem distorcida do “caipira”, assinala Yatsuda (2006, p. 103), como “*um sujeito abobalhado, desconfiado, violento, preguiçoso, de modos grosseiros, e que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público*” tem por intenção provocar a desqualificação do homem rural.

Yatsuda (2006) retrata a lógica perversa por traz dessa representação, que nega o valor das tradições, do dialeto e da rica cultura interiorana, com o intuito de exaltar o capitalismo e consumismo do mundo moderno.

Na transição dos jovens do contexto rural para o urbano um dos riscos é que, na tentativa de adaptação a novos valores, estes neguem as referências de sua cultura de origem, perdendo suas raízes e até rompendo com suas famílias.



As consequências dessa ruptura seriam drásticas, pois conforme assinala Cervený (2011), às gerações mais novas cabe a tarefa de contribuírem com as mais antigas, ajudando-as a repensar seus valores e crenças, na adaptação às mudanças sociais:

As gerações subsequentes, pela conquista de maiores informações, por meio do acesso à comunicação, pelo desenvolvimento sociocultural, com mudanças significativas na família, podem dispor de outros recursos que possibilitam lidar com as situações de maneira diferente de como lidaram seus antepassados. Isso resulta tanto em uma maior percepção das repetições dos padrões interacionais, como uma melhor maneira de lidar com as mesmas (CERVENÝ, 2011, p. 41-42).

Em síntese, o incentivo às gerações mais novas para desbravar outros mundos será positivo se lhes for permitido transitar entre estes, rural e urbano, tradicional e moderno, em posição de igualdade de direitos, pois o acesso a outros contextos quando permite a integração e partilha favorece o crescimento de ambas as partes.

REPERCUSSÕES DA MOBILIDADE GEOGRÁFICA NA VIDA DOS JOVENS E NA ORGANIZAÇÃO FAMILIAR

Apresentarei aqui reflexões a partir de resultados das oficinas psicopedagógicas, nas quais trabalhamos com oito dimensões do projeto de vida, identificadas como áreas de saúde: afetiva, física, intelectual, profissional, familiar, ecológica, social e financeira. Nas oficinas os jovens desenvolvem tarefas e participam de dinâmicas nas quais são incentivados a avaliar os cuidados aos quais se dedicam em cada área, e o que poderiam fazer para melhorar sua saúde em cada uma delas. Posteriormente, planejam suas metas, organizando-as a curto, médio e longo prazo. Através deste trabalho tive a oportunidade de conhecer jovens e famílias de diferentes localidades.

Priorizarei nesta síntese o foco na discussão sobre a dimensão do estudo, que abarca a saúde intelectual e profissional, mas devido à mobilidade dos jovens para outras cidades, gera reflexos também na saúde familiar. Com o intuito de facilitar a identificação das informações, categorizei os dados a partir de três aspectos: o projeto dos jovens; expectativas das famílias; repercussões da mudança na organização familiar.

O projeto dos jovens – é positiva a iniciativa dos jovens de se dedicarem aos estudos, disso não se tem dúvida, pois é



uma forma de investirem em expectativas construtivas para suas vidas, mas em muitos distritos do interior as escolas só oferecem o ensino fundamental, por este motivo, àqueles que desejam seguir os estudos é disponibilizado o transporte. Porém, ouvi de vários jovens que em períodos de chuva nem sempre o ônibus consegue chegar, motivo pelo qual eles acabam por perder a aula. Para quem mora na cidade, andar dois quilômetros a pé, devido à ausência de transporte público, é um dos obstáculos mais sérios enfrentados. No interior, ouvi relatos de jovens que chegaram a percorrer dez quilômetros para retornar a suas casas em ocasiões nas quais o transporte não pode passar.

No caso de quem reside em bairros de periferia, como alguns conjuntos residenciais recém- inaugurados, onde ainda não existem áreas coletivas para convivência, a ausência de transporte inviabiliza o acesso não só à escola, mas também a participação em outros tipos de atividades de lazer, culturais ou esportivas. A distração destes se limita aos programas de TV aberta ou ouvir música. Poucos são os que têm hábito de leitura ou o acesso à informática.

Quem não quer estudar, acaba por investir em relacionamentos afetivos, com vínculos mais sérios, logo após a conclusão do ensino fundamental, ou seja, por volta de quatorze ou quinze anos. A questão da gravidez na adolescência nesses contextos tem outra conotação em relação ao que acontece nos centros urbanos. É praticamente naturalizada a ideia de que se a jovem não estuda ou trabalha, deve então investir em um casamento, com a expectativa ter filhos. Se uma jovem mantém um relacionamento sério a partir dos quinze anos, aos vinte é cobrada, pois já passou da hora de ter o primeiro filho.

Em alguns casos, os sonhos de estudar e trabalhar fora não são bem compreendidos pelas famílias. Assim, os jovens que se dispõem a lutar por suas metas, acabam por enfrentar desafios muito grandes, a motivação e empenho faz com que se submetam a atos de extremo sacrifício, seguros de que assim garantirão a certeza de sucesso.

No entanto, para alguns os limites e as fronteiras entre conhecimento, apropriação dos instrumentos do mundo urbano e acadêmico, e a dificuldade de adequação a regras de convivência sociais muito discrepantes das de seu contexto de origem, tornam-se um peso, que os leva a se sentirem diminuídos e envergonhados.

Por exemplo, nas universidades federais e em muitas particulares, notícias e materiais da disciplina são disponibilizados pelo professor via sistema informatizado. Para alunos que nunca dominaram esta ferramenta, pois não tinham acesso ao computador em suas casas ou nas escolas públicas nas quais estudaram, assimilá-la em pouco tempo se torna motivo de estresse e ansiedade. Como admitir, diante dos colegas da cidade, bastante experientes no assunto, e mesmo para professores que não conseguem abarcar esta hipótese, que não



se sabe utilizar um computador? Situações como essa são extremamente constrangedoras para alguns alunos que vieram de área rural ou de bairros muito carentes, pois os expõem ao ridículo e acentuam suas limitações perante os outros.

Entre as limitações, encontram-se aquelas cognitivas, com a dificuldade de alcançar bom rendimento em certas disciplinas, em geral devido à má qualidade da formação de base, o que os coloca em defasagem em relação a outros colegas, comprometendo sua capacidade de competir em processos seletivos de bolsas e estágios.

O potencial pessoal, decorrente das experiências adquiridas em suas vidas, e referente aos domínios de vários campos, que estes jovens desenvolveram na execução de tarefas próprias dos seus contextos de origem, muitas vezes não tem serventia no mundo acadêmico, sendo desprestigiado pelos outros e por eles mesmos. Estas situações tornam-se graves a ponto de comprometer a permanência desses jovens na escola ou universidade.

Inibidos, alguns se retraem, evitando expor suas aptidões e dificuldades. Há casos nos quais fica evidente o processo de segregação e desqualificação social. A distância entre o mundo rural e urbano parece ser intransponível em certas situações, nas quais aspectos aparentemente banais intensificam a desproporção abissal de aprendizados, hábitos e costumes.

O problema mais sério, a meu ver, é que há casos nos quais os jovens começam a desconsiderar as referências que trazem de suas famílias, negando-as com o intuito de se adequarem e serem aceitos no mundo da cidade. Sem referências, desenraizados, mostram-se vulneráveis e fragilizados, e em certas situações, ficam confusos e em sofrimento.

No projeto que iniciamos com um grupo de jovens de um bairro de periferia de Viçosa, foi de extrema relevância apresentar a universidade para estes, transpondo as fronteiras. De outro lado, na troca tivemos oportunidade de escutá-los, de nos apropriarmos de sua percepção da realidade, de descobriremos estratégias utilizadas por estes para lidarem com suas dificuldades.

Conhecer a situação desses jovens é de extrema relevância. Fica evidente a importância de valorizarmos os passos dados por eles, mas principalmente a necessidade de pensarmos em criar oportunidades e iniciativas através das quais possamos ajuda-los a ir além, sem que para isso tenham que negar suas origens.

Expectativas das famílias – pais e mães demonstram orgulho da conquista de seus filhos e filhas, exaltando-os perante outras pessoas, e incentivando-os. Mas, em certas situações não conseguem apreender o significado das vivências



dos jovens, seja na escola secundária ou no contexto universitário, em especial os pais iletrados.

A ideia de que os filhos (as) devem disponibilizar um tempo para o estudo, mesmo quando estão em casa, o pedido destes por silêncio para se concentrarem nas tarefas escolares, ou a queixa de cansaço devido ao excesso de estudo, são fatores distantes da realidade de algumas famílias.

Outra queixa dos estudantes vem da cobrança por um retorno financeiro em curto espaço de tempo por parte de suas famílias, como se o ingresso na universidade fosse propiciar ganhos imediatos. É difícil para algumas famílias admitirem a necessidade de oferecer ajuda financeira e permitir que o filho (a) se dedique exclusivamente ao estudo, mesmo porque algumas realmente não têm como responder a essa nova demanda.

Há jovens que fazem de tudo para não preocupar seus pais, pois sabem da impossibilidade destes de lhes apoiarem. Ir à casa poucas vezes, no caso daqueles que moram longe, é uma estratégia para economizar dinheiro. Nesses casos, o sofrimento dos jovens é minimizado, e os pais não chegam a ter noção de quão grave este pode ser. Ao que tudo indica, esta é também uma situação que colabora aos poucos, para acentuar o distanciamento do jovem em relação à sua família. Obviamente as famílias não ficam alheias a isso, mas sentem-se muitas vezes, assim como os jovens, impotentes para mudar tal realidade.

Repercussões na organização familiar – no cotidiano das famílias de área rural ou de comunidades carentes os filhos assumem parte das tarefas da casa, seja no trabalho na roça, no cuidado de animais, ou mesmo em serviços domésticos, como cozinhar, arrumar a casa e cuidar de irmãos mais novos. Tradicionalmente era quase óbvio que os filhos homens assumiriam tarefas de ajuda ao pai, e as filhas assumiriam tarefas domésticas, talvez pelo fato das famílias serem grandes.

Hoje, observamos que a questão de gênero não está mais vinculada às tarefas, talvez pela diminuição das famílias, ou justamente pela falta dos filhos que saíram para estudar e trabalhar fora, pois já não se vê tanto impacto nessa divisão de quem faz o quê.

Encontramos jovens mulheres que cuidam da roça e do gado, e meninos adolescentes que cuidam dos irmãos mais novos enquanto os pais saem para trabalhar.

Mas uma questão se destaca em relação à dimensão profissional nestes contextos, não está necessariamente atrelada ao trabalho formal, mas à capacidade dos filhos de ficarem responsáveis por tarefas compartilhadas com o restante da família. A dignidade da pessoa está em ser boa naquilo que faz. Então, o primeiro impacto da saída dos filhos sobressai



exatamente pela demanda de encontrar alguém que os substitua em suas tarefas.

Para certas famílias esta é uma questão séria e pertinente, pois a ausência do filho (a) gera a sobrecarga de trabalho para os pais ou seus irmãos mais novos. Talvez isso explique o fato dos pais não incentivarem a saída de todos os filhos.

E agrava-se mais ainda a situação daqueles pais que intensificam sua carga de trabalho com o intuito de prover subsistência dos filhos na universidade. As trocas intergeracionais merecem destaque aqui, pois em muitas famílias, essa é a primeira geração que chega à universidade, daí a importância do investimento de todos no sentido de permitir que o estudante leve adiante seu projeto.

Nas trocas intergeracionais a riqueza está também na possibilidade das famílias “desfrutarem” do conhecimento adquirido pelos filhos, motivo pelo qual estes passam a ocupar um lugar de autoridade em suas casas, tornando-se consultores dos pais e parentes. Não obstante, acontecerem situações de conflitos quando há choque de ideias e valores, essas trocas costumam ser bem proveitosas para ambos.

No levantamento feito em nosso trabalho identificamos que os principais conflitos foram provenientes de mudanças por parte dos jovens quanto às crenças religiosas e à vida afetiva e sexual, pois influenciados por valores do contexto urbano estes desconsideraram as referências e imposições de suas famílias.

Por outro lado, houve casos de jovens que sofreram no relacionamento com amigos e colegas justamente porque decidiram seguir valores familiares, como a frequência a cultos religiosos ou preservar a virgindade. Essa fidelidade a esses valores colabora fortalecendo-os no enfrentamento de suas dificuldades, e de alguma forma serve como proteção aos riscos.

Na intenção de proteger e no sentido de atender ao projeto dos filhos que chegam à etapa de cursar o ensino médio ou superior, alguns pais deixam suas terras natais e se mudam com toda a família, alterando suas metas pessoais. Na cidade passam a viver em condições piores, em bairros de periferia. A inserção ou permanência dos pais em trabalhos informais ou operacionais como na área de serviços gerais, em função da pouca formação que possuem, é também uma característica dessas famílias.

Enfim, a crença das famílias e jovens, quando priorizam o estudo considerando-o como fator de ascensão social, não é uma expectativa inviável, porém trata-se de um investimento de muito tempo, aliado a sacrifícios para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha preocupação ao propor a discussão da relação entre família, gerações e projetos de vida decorre de uma inquietação quanto à maneira como lidamos com estas questões



no trabalho com os jovens. Muitas vezes, nós profissionais, e eu me incluo aí também, desconsideramos o impacto que o projeto de estudo tem na vida dos jovens e de suas famílias, quando implica a mobilidade geográfica, em especial naquelas de baixa renda ou da área rural.

Existe sim uma expectativa positiva em direção ao investimento na educação, mas não podemos negligenciar todos os fatores implicados nesse processo e nem negar as repercussões dessa situação no projeto das famílias.

Na nossa situação brasileira, na qual é recente a abertura das universidades públicas para um grande contingente de jovens antes excluídos desse contexto, percebe-se a demanda de maior investimento também no suporte adequado a estes, evitando que fiquem ainda mais fragilizados.

Esperamos que as mudanças nas políticas públicas, inclusive pela aprovação do Estatuto da Juventude, contribuam com a criação de medidas paralelas no sentido de realmente ajuda-los no seu processo de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M. L. Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. (Org.) Cultura Brasileira – Temas e Situações. São Paulo: Editora Ática, 2006.

BRITTO DA MOTTA, A. Gênero, idades e gerações. Cadernos do CRH, 17, pp. 349- 355, 2004.

CERVENY, C. M. O. A família como modelo – desconstruindo a patologia. 2ª edição revista e atualizada. São Paulo, SP: Livro Pleno, 2011.

DONATI, P. A Abordagem Relacional da Família. São Paulo: Paulinas, 2008.

EISENSTADT, S. Grupos Etários e estrutura social. In: ____ De Geração a Geração. São Paulo: Perspectiva, 1956, p. 1-35.

FORACCHI, M. O conflito de gerações. In: ____ A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972, p. 19-32.

GRANDESSO, M. A. Famílias e narrativas: histórias, histórias e mais histórias. In: Cerveny, C. M. O. (Og.) Família e.... São Paulo: Casa do psicólogo, 2006, p. 13-29.

POCHMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. Em: Novais, R. & Vannuchi, P. (Orgs). Juventude e



Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação social. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 217-241.

RAMOS, N. (Org.) Saúde, Migração e Interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2008.

SCOTT, P. Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010, p. 251-284.

VALSINER, J. Fundamentos da Psicologia Cultural. Mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre, Artmed, 2012.

YATSUDA, E. O caipira e os outros. In: BOSI, A. Cultura Brasileira – Temas e Situações. São Paulo: Editora Ática, 2006.